



Dívida externa: o exemplo

Diário do Povo de Campos Sales 9-2-84

Luiz Brunetti

Em 1898, no alvorecer da República, Campos Sales embarcava no vapor **Thames**, com destino à Europa onde objetivava renegociar a volumosa e sufocante dívida externa brasileira. Campineiro e republicano histórico, Campos Sales — já escolhido para suceder a Prudente de Moraes na presidência — temia que a indefinível situação das finanças externas do País o impedisse de realizar um governo digno da República que sonhara e pensara em consolidar. Impulsionava-o a ânsia de dar por findo o período presidencial comandado por Prudente de Moraes onde a instabilidade política e a ruína financeira fora a tônica.

Antes de ir a Londres, onde reinavam os Rothschild, o futuro presidente passou por Paris. Ali, em conversa com o presidente francês Ives Guyot, teve a oportunidade de testar o seu sangue de estadista. Por intermédio do presidente francês, Campos Sales recebeu o recado dos banqueiros credores: o Brasil poderia recobrar a 'confiabilidade' internacional através da venda ou arrendamento da Estrada de Ferro Central do Brasil; ou, em termos modernos, o Brasil deveria promover a 'desestatização'. Campos Sales respondeu ao presidente que ao invés de vendê-la, o seu governo iria torná-la rentável. Certamente o sr. Ives Guyot surpreendeu-se com tamanha audácia e senso de responsabilidade. O próprio Campos Sales nos conta, em livro de memórias, que a sua resposta desejava mostrar "que o governo brasileiro não estaria disposto a envolver aquele próprio nacional em qualquer operação que pudesse ser encaçada naquele momento com relação à dívida externa".

Após esta demonstração de civismo para com o patrimônio nacional, Campos Sales dirigiu-se a Londres, a maior praça financeira do mundo. Lá imperava grande desânimo e má vontade para com as propostas de Campos Sales. Propusera ele aos poderosos Rothschild a suspensão do serviço da dívida no que foi, de ime-

diato, desaconselhado. Assim mesmo, Campos Sales não desanimou e conseguiu arrancar, em breve tempo, um **funding loan** que libertou o governo brasileiro de recorrer periodicamente ao mercado cambial. Ao mesmo tempo, conseguiu alargar o prazo para o início dos pagamentos dos juros do empréstimo e das amortizações. Enfim, o seu governo ganharia tempo para reordenar as finanças e a produção doméstica. O País poderia respirar.

Porém, o **funding loan** concedido ao Brasil implicava, tal como hoje, a fiscalização das contas por parte dos banqueiros, ou mais propriamente pela casa bancária dos Rothschild que agenciara o empréstimo. E, já em 1899, Campos Sales deu mostras de sua responsabilidade administrativa. Usando o seu poder creditício, a casa Rothschild, juntamente com outros banqueiros, tentou imiscuir-se nos negócios fazendários do recém iniciado governo de Campos Sales. A reação deste foi imediata: telegrafou aos senhores Rothschild dizendo que não aceitaria tal ingerência e exigiu que os representantes daqueles banqueiros aqui presentes (as Ana Maria Jull da época) "se subordinassem às determinações" do seu governo.

Diante de tamanha determinação e sensatez os poderosos Rothschild acederam. Não é por acaso, nem por orgulho ou para contar bravata, que Campos Sales pode escrever em suas memórias o que muita gente nunca poderá escrever e que merece ser lembrado: "posso asseverar que nunca o governo brasileiro se achou em situação de maior independência para com os banqueiros estrangeiros do que essa que mantive, cumprindo com escrupuloso zelo as cláusulas do contrato, para não ter necessidade de descer a solicitações humilhantes, nem receber insinuações desrespeitosas".

Essa foi a saga de Campos Sales — um estadista — que conseguiu renegociar a dívida externa brasileira com sucesso e preservando o patrimônio e a soberania nacional.

Luiz Brunetti é economista e professor da UNESP